



SAIGON

DAISY LUCAS

SAIGON

Daisy Lucas

SAIGON

1ª Edição
POD



KBR
Petrópolis
2015

Coordenação editorial **Noga Sklar**
Editoração **KBR**
Capa **KBR sobre arquivo Google**

Copyright © 2015 *Daisy Lucas*
Todos os direitos reservados à autora.

ISBN: 978-85-8180-354-8



KBR Editora Digital Ltda.
www.kbrdigital.com.br
www.facebook.com/kbrdigital
atendimento@kbrdigital.com.br
55|21|3942.4440

FIC027000 - Romance



Daisy Lucas é pedagoga empresarial e mestre em Educação, com especialização em Gestão da Qualidade no Japão e na Coreia. Escritora, publicou os livros infantis *É Assim que Tudo Começa*, *É seu corpo, sua casa* e *Bernardo, o menino que pensa azul*. Sua peça infantil “O macaco que só comia bifê”, sobre educação alimentar, foi produzida e montada em 2008 no Rio de Janeiro. Colunista da KBR, *Saigon* é seu primeiro romance publicado pela editora.

Email: editoradol@gmail

*Para Esther, mesmo que o seu nome não seja Esther.
Basta que seja mulher, nesse mundinho no qual
a maioria das pessoas caiu na cilada gramatical, e ficou
pensando que o poder é masculino.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus primeiros leitores;
a Adriana Lucas Medeiros, incansável em todos os momentos, por energizar meu texto e minha vida;
a Flávio Oliveira Lucas, escritor, por sua contribuição preciosa para o texto;
a Artur Fonseca, pediatra;
a James McSill, que viu este livro no nascedouro e me incentivou a prosseguir;
a Noga Sklar, minha editora, pela paciência, competência e respeito com que editou meu texto;
finalmente, e em primeiríssimo lugar, agradeço à minha mãe, Lina Oliveira, pelo esforço de, aos 90 anos, ler o texto inicial, antes mesmo de ser editado..., umas 480 páginas.

SUMÁRIO

1. •	13
2. •	35
3. •	51
4. •	61
5. •	71
6. •	107
7. •	115
8. •	121
9. •	133
10. •	143
11. •	159
12. •	165
13. •	179
14. •	189
15. •	199
16. •	207
17. •	213
18. •	219
19. •	229
20. •	239
21. •	247
22. •	255
23. •	265
24. •	273

DAISY LUCAS

- 25. • 279
- 26. • 285
- 27. • 293
- 28. • 301
- 29. • 313
- 30. • 327
- 31. • 341
- 32. • 347
- 33. • 357
- 34. • 369
- 35. • 379
- 36. • 397
- 37. • 403
- 38. • 419
- 39. • 427
- 40. • 431
- 41. • 435
- 42. • 441

1.

“O futuro chegou!”, compreendi, quando, em cima daquele palco, ouvi chamarem Esther da Rocha Lima.

Com o diploma de professora do ensino fundamental queimando minhas mãos, me dei conta do tanto que Stella e João representavam na minha vida. Mesmo sem esquecer as mães, a figueira, o medo que eu tinha do futuro quando nem sabia ainda o significado de ter um futuro, mesmo não esquecendo o ronca-ronca da caminhonete do Sr. Rodolfo, a magreza de Dona Expedita ou os olhinhos quase fechados da Keiko, eu tinha certeza de que o meu corpo não era segredo de Deus coisa nenhuma, de que jamais alguém conseguiria me dar surras de galho de goiabeira, fosse lá o que isto simbolizasse, de que os piolhos da vida a gente podia arrancar com cuidado e com carinho, e de que o raio só cairia na nossa cabeça se não tivéssemos um para-raios por perto.

Também já tinha entendido a história da costela... O que nunca soube foi por que razão custei tanto a me livrar daquele buraco no peito, um vulcão ao contrário, que, em vez de despejar, sugava tudo o que eu imaginava fosse amor com uma sofreguidão de perder o ar.

Talvez Raquel tenha razão quando diz que foi esse vulcão que tragou meu amor-próprio, e durante tantos anos me fez refém da insegurança. Pode ser.

Passado tanto tempo, hoje eu não gastaria um miligrama dos meus neurônios lembrando aquela noite na balada, duas semanas após a formatura.

“Esta noite não tem perdão”, foi o que eu disse à ridícula Dona Depressão quando resolvi ir àquela festa. Nos últimos três meses eu tinha me desconvidado para todas as festas que meus amigos faziam para me alegrar... Tinha perdido meus pais e carregava aquela culpa por sua morte, como se fosse a dona de seus destinos.

Eles, sim, foram os donos do meu destino, quando vieram ao orfanato e me levaram para aquela casa onde havia um quarto só meu e a cortina cor-de-rosa com que eu sonhara desde sempre.

Pisando na minha nova casa, aos oito anos, alguma coisa me dizia que talvez nunca mais pudesse descobrir a minha verdadeira história, ou a cara e a voz de meus pais biológicos; sequer saberia se fui resultado de um ato de amor, de uma brincadeira, ou de uma coincidência. Mas tinha certeza de que aquele dormitório entupido de meninas, onde tinha que disputar até o ar que respirava, ficaria no meu passado, porque, afinal, eu teria um quarto com cortinas cor-de-rosa.

Enfim... Na volta da tal balada minha mente passeava pelo passado, e, pobre de mim, me via novamente em cima do palco no dia da formatura, pobre de mim, ouvi quando chamaram “Esther da Rocha Lima”. Mas agora sei que o futuro não havia chegado coisa nenhuma, e nem os melhores dias da minha vida.

Embora eu dirigisse preocupada e triste, pensava que pelo menos tinha soltado todos os bichos na pista de dança. Sem mais nem por que, o carro patinou bem na entrada da garagem do novo prédio em que eu morava... Susto filho da mãe... Quase bati no muro. Consegui frear, mas o motor morreu. Enquanto tentava ligá-lo novamente, ah, como eu queria ter alguém para chamar, alguém que me ajudasse...

Em plena madrugada, aos prantos no meio da rua alagada pela chuva forte que ainda me escorria pelo corpo, olhava

para os lados, mas não havia ninguém caminhando por ali. E até agradei, porque provavelmente se aparecesse alguém, naquela hora e no meio de uma rua escura, para ajudar é que não seria.

Nunca fui propriamente uma medrosa, daquelas que têm medo de trovão, mas os raios estavam furiosos. Saí do carro cautelosa e cheguei à porta do prédio para ligar pelo interfone, que não deu nem um suspiro, quanto mais sinal de disar. Teria que pedir ajuda ao porteiro, não tinha outro jeito, bem, Raquel me advertira que morar num prédio sem porteiro dia e noite era o mesmo que morar em Saigon durante a Guerra do Vietnã... *Talvez fosse melhor procurar outro apartamento e me mudar daqui*, nem bem chegara ao fim do pensamento quando tive uma sensação estranha, como se alguém estivesse atrás de mim me observando. Mesmo sem espelho, podia ver meu próprio medo.

Atrás de mim havia um homem. *Será que ele queria entrar no prédio?* Isso era o que eu imaginava, ou desejava, porque na verdade não enxergava direito com tanta escuridão. Seria um morador ou um assaltante? Meu medo pedia aos céus que fosse apenas um morador, e que eu, grudada no interfone e parada em frente à portaria, estivesse impedindo de entrar.

Rezei para que não fosse um *serial killer*. Estranho ele era, porque simplesmente me olhava, sem dizer coisa alguma. Juntando toda a minha coragem, voltei-me para ele.

— Você quer entrar? — tentei soar o mais natural possível naquelas circunstâncias.

— Quero sim... eu moro aqui.

— Desculpe, meu carro deu uma derrapada e o motor parou.

Ufa! Graças a Deus é mesmo um morador. Meu alívio me fazia falar desordenadamente.

— Estou... estou... Tô interfonando pro porteiro vir me ajudar.

— Não precisa acordar o Seu José, quem sabe posso te ajudar.

Eu já tinha soltado o interfone, ele chegou um pouco à frente e ficamos lado a lado.

— Muito obrigada. Eu..., eu... Não sei o que faria sem a sua ajuda.

Passado o susto, dei um suspiro de alívio, um suspiro sem som; o homem não precisava saber que eu tinha ficado com medo dele. Ufa novamente! Se aquele porteiro idiota não acordasse para me ajudar eu já não ficaria mais ali a noite inteira... Meu salvador tinha chegado.

Mas devia ser mudo, porque não respondeu ao meu agradecimento. Ao contrário, sem se dignar me olhar, dirigiu-se para o carro, abriu a porta, sentou-se no banco do motorista e tentou ligar o motor. Um cheiro de queimado se espalhou pelo ar.

— Está afogado.

Mais calma, pude prestar atenção no meu salvador. Não podia vê-lo em detalhes, mas precisaria descobrir em que Olimpo aquele deus era celebrado, para lhe dedicar toda a minha devoção. Um deus gr... não, em nada se assemelhava a um deus grego. Seus traços não eram perfeitos nem seu nariz era aquilino, mas ali estava um pedaço de homem que faria a alegria de qualquer montinho de pelos com um mínimo de bom senso.

Ora... Meus pais sempre me elogiavam por eu ser uma moça corajosa e de bom senso. Agora eu faria jus ao elogio. Naquela rua de nenhuma claridade cheguei até a sentir um arrepio quando o vi caminhar para o carro... Havia qualquer coisa nele que me esfriou a pele, o modo elegante como andava, o jeito decidido com que andou para o carro, sua voz... O motor do carro estava morto, mas eu estava bem viva. Ele disse que o motor estava afogado? Pois afogada estava eu, no oceano de maus pensamentos que ele me inspirava. Quando entrássemos na garagem vazia, eu não responderia pelos meus atos, a não ser que fosse um ato sexual.

E ele? Ah... Esperou o motor esfriar, ligou o carro outra vez, o carro andou e ele o estacionou dentro da garagem. Agradei efusivamente; praticamente me coloquei em sua bandeja, mas ele nem se alterou. Eu o olhava, não tão disfarçadamente como deveria. *Será que ele não está percebendo?* Pois o impávido

colosso ainda ficou examinando o carro, sem ao menos uma olhada mais atenta para mim. E eu ali, doidinha para ter uma chance... Que mais eu poderia fazer pra ele me notar? Como só me ocorreu a ideia de subir no capô e fazer um strip-tease... achei que a ocasião não era propícia. Mas me animei quando ele começou a falar com sua voz melodiosa, fazer umas perguntas do tipo “Você manda fazer revisões nesse carro?”, ou “Tem calibrado os pneus?”...

Quando deu por encerrado o concerto, agradeçi.

— Muito obrigada. Meu nome é Esther e moro no 210. Apareça para um café.

— Obrigado pelo convite, Esther. Meu nome é Francisco Adolfo, mas gosto que me chamem pelo sobrenome, Soto. Moro no 601.

Tudo bem que ele respondeu de um jeito super hiper formal, tudo bem que só fez aquelas recomendações que os machos adoram fazer, para mostrar que eles é que sabem das coisas. Mas aquele macho... Que macho! Eu não sabia se estava sem ar e extasiada diante daquela coisa rara pelo medo que tive de passar a noite na rua, ou por que ele era mesmo um homem digno de ser eternizado em um monumento. E foi com muito, muito esforço que me controlei para não fingir um desmaio ou uma tonteira, caindo direto naqueles braços fortes. Não posso negar que pensei nisso, mas educada e pudicamente, não dei essa bandeira.

Subimos juntos no microelevador e pude sentir sua respiração forte, ritmada. Desci no segundo andar, ele continuou para o sexto. Fiquei na dúvida se ele se fez de importante ou se eu não tinha sido suficientemente explícita.

Naquela noite fui me deitar pensando em como poderia me informar sobre o vizinho. *Seria casado?* Na cama, aquele rosto enigmático não saía de dentro dos meus olhos. Mas, ah, mente danada... me fez sonhar, não com o monumento, mas voltou quatro meses no tempo, para a noite em que meus pais... No sonho, revivi o pesadelo.

Na época eu namorava o Kleber, sujeitinho grosseiro

que depois do primeiro ano de namoro mostrou suas garras, arranhando-me o braço durante uma discussão. Meus pais estavam em Macaé, para onde tinham mudado logo que João, meu pai, se aposentou do jornal. Na quinta-feira Stella havia me ligado cobrando que eu fosse para lá no fim de semana, mas eu não quis ir. Ela então me disse que voltariam no domingo, “Estamos morrendo de saudade, filha”.

Fui ao cinema com Kleber. Esperaria meus pais chegarem e tentaria, pela terceira vez, acabar com aquele namoro. Nas vezes anteriores não tinha conseguido, e o arranhão no meu braço era a prova disso. Mas diante dos meus pais me sentiria fortalecida, e ele não se faria de valente.

O sonho repetia a vida... Estávamos eu e Kleber no cinema, e, exatamente como tinha acontecido, eu não conseguia me concentrar nem por um minuto. Enfiava a mão compulsivamente no saco de pipoca e as mastigava rápida e nervosamente, sem sentir gosto, o movimento exagerado do maxilar só servia mesmo para distrair minha musculatura facial, evitando que ela percebesse a cachoeira estava se formando dentro de mim, sem nenhuma lógica. Bebi todo o copo de refrigerante tamanho médio do McDonalds, um médio *supersized*, e ainda roubei uns goles do copo de Kleber. Nem o filme do Woody *Gênio* Allen conseguiu prender minha atenção naquela noite. Eu olhava para a tela, mas só queria que o tempo passasse rápido. E não entendia por que me sentia tão perdida, confusa, com uma colossal sensação de desconforto em meio às sombras assustadoras que a escuridão da sala produzia. Suspirei de alívio quando as luzes se acenderam.

Na saída do cinema apertava a mão do Kleber para diminuir o medo de me perder na multidão. Ele insistiu em perguntar por que eu estava tão nervosa, e eu pensava em como é difícil explicar uma sensação quando a gente não consegue dar nome a ela. Eu gostaria mesmo que fosse só mau humor, ou algum sentimento passível de ser controlado, mas alguma parte do meu inconsciente, o lugar onde mora a intuição, me dizia que não era, eu estava mal desde quinta-feira quando tinha conversado com minha mãe.

Durante o jantar Kleber recomeçou com suas lamúrias. “Você está aborrecida porque eu tenho insistido para ir comigo, eu sei que é”.

Tentei lhe explicar, mais uma vez, caramba!

— Estou mesmo furiosa com a sua insistência, com a sua atitude, mas hoje tem alguma coisa que...”

Pronto! Ele aproveitou o gancho e retomou a discussão que já vinha acontecendo desde que recebera o convite para fazer o estágio de um ano em Huston, como *trainee* da empresa em que trabalhava. Desde então vivia dizendo

— Como alguém pode se recusar a morar nos States?

Kleber descrevia Huston como se falasse do próprio paraíso. Por que era tão difícil ele entender que eu não queria ir?

— O que é isso, cara? Você acha que pode sair decidindo a vida dos outros? — minha voz engrenou uma primeira, e eu respondia tão rápido que minha respiração dava uns trancos.

— Você não está entendendo nada, Esther. Nada!

Kleber era mesmo um filho da mãe agressivo; estava gritando como um marreco louco, e seu rosto estava branco como neve. Queria que eu abrisse mão do meu trabalho para ser uma pessoa eternamente dependente... Se eu fosse com ele, adeus, trabalho, adeus meus planos e... adeus décimo andar.

No restaurante eu mexia e remexia o garfo, que levei à boca só umas três vezes, se tanto. Isso, porque tinha pedido uma quiche de aipo que achava a delícia das delícias. Durante todo o jantar tentei apaziguá-lo, pedi para jantar em paz e prometi que em casa teríamos uma conversa definitiva sobre o assunto. Minha decisão estava tomada. Eu estava apenas ganhando tempo, porque quando voltássemos do cinema meus pais já estariam em casa, e ele não me enfrentaria como da última vez. Se começasse a se exibir com suas grosserias e arrochos, eu simplesmente diria, “Perdeu, caubói”.

Na volta para casa, arrependido, Kleber tentou me agradecer, falando com voz suave, como se fosse possível apagar com palavras a mancha roxa no meu braço. No carro, falava pelos cotovelos.

— Esther, você sabe que não sou assim; é que venho sofrendo uma pressão estúpida nos últimos tempos. Essa é a chance da minha vida, não posso desperdiçá-la.

— E a chance da *minha* vida? — eu disse com raiva, olhando bem para a cara dele. — Vivi meus primeiros anos num orfanato, até que a vida me ofereceu uma família... e você acha que eu vou jogar essa chance pro alto?

— Puxa... A sua melhor chance é ficar comigo.

O pior é que o tonto acredita no que está dizendo.

Claro que ele sabia que eu sabia o que aquele estágio traria de retorno para sua vida profissional, nunca me fiz de desentendida sobre o assunto. Sabia até que existia grande possibilidade de ele ficar por lá, e era só o que me faltava, ir e não voltar... Ele é que estava embaralhando tudo e botando a culpa no estresse da viagem.

Meu namorado não desistia de ficar se justificando. Eu não queria conversa, e mais uma vez fingi que ouvia para evitar mais discussão. Minhas preocupações estavam em outro lugar.

— Perdoa, amor, eu só queria te convencer a ir comigo.

Ele implorou: — Vamos tentar, por favor.

— Quantas vezes terei de repetir que não é por sua causa que estou nervosa assim? Claro que você me confunde. De repente, com ou sem motivo, vira um furacão, e sobra pedra pra tudo quanto é lado, você sabe disso — intencionalmente comecei a falar para ver se ele dava um tempo naquele blablablá.

Em seguida, cansada de falar, dei um suspiro imenso, profundo, que tinha como objetivo ganhar um tempinho de sossego e também ver se ele pensava melhor e desistia. Queria encerrar logo aquele papo e expliquei pela milésima vez que o meu mal-estar era algo que não saberia explicar. Se ele me conhecesse como eu o conhecia, saberia que não era mentira, ou apenas uma desculpa. Eu estava mal... Meu rosto estava inexplicavelmente pálido, pude verificar no espelhinho do carro. Ele não devia ter notado, pelo menos não comentou nada. Ou estava de implicância mesmo.

Meu sonho-pesadelo terminou com a seguinte cena, eu

chegando ao hospital e aquele médico me dizendo com voz grave: “Tentei mil vezes no celular que recebeu a última ligação da Dona Stella, mas estava desligado ou fora de área”. Quem sabe se eu tivesse chegado antes poderia ter conversado mais um pouquinho com minha mãe, só mais um pouquinho.

Quando acordei, aí foi que desabei, mas não no chão da sala do plantonista ou no chão frio da UTI, nem no piso gorduroso da sala de autópsia, onde o corpo do meu pai jazia numa caixa de metal trancada com um cadeado. Fiquei lembrando que tinha ficado com Kleber desde a hora do almoço. Alguma coisa me dizia para não sair naquele dia, e eu devia ter seguido minha intuição; mas não adiantava chorar sobre aquele leite, porque ele já tinha se derramado nos meus sonhos, que, no dia da morte de meus pais, me pareceram restos desfeitos, como se fossem feitos de papel crepom.

Acho que meu próprio grito me acordou. Não consegui mais dormir, e a culpa que eu sentia desde aquele dia me fez chorar até o sol nascer. Levantei, fiz um café e fiquei lembrando o resto da história. Naquele dia, meu celular estava desligado desde o cinema. Os médicos não me deixaram ver meu pai. “O rosto está desfigurado”, disseram. E assisti minha mãe morrer, logo depois de me dizer, num fio de voz, “Você vai conseguir”.

Oh, meu Deus, fazei com que eu esqueça isso...

Do enterro não guardei a menor lembrança. Não sei como foi, e nem poderia dizer quem estava naquela triste despedida. Eu olhava ao redor e nada via. Quando voltamos para casa, minha única preocupação era encontrar um jeito de conviver com a perda dos meus pais e com a culpa de não ter ido a Macaé. Não tinha a menor ideia de como superaria a dor.

Tia Leda e Raquel resolveram ficar uns dias no Rio comigo.

— Olha, Esther, não estou gostando nada do seu jeito.

Minha prima queria me ajudar quando sugeriu

— Pense na hipótese de morar em Macaé.

— Mas, e o meu trabalho? — respondi, ao mesmo tempo em que tentava perceber se dentro de mim ainda restava um

pedaço, um pedacinho só dos meus sonhos, porque já não tinha certeza disso.

— A indústria petrolífera transformou Macaé, você pode recomeçar a vida lá, conosco, com a sua família. A sua experiência na Superfer é importantíssima; você já está no *business* do petróleo...

Dois dias depois do enterro, qualquer lugar que não fosse a minha cama parecia estar a muitos quilômetros de distância. Até minha ida ao banheiro eu ia deixando para depois, só atendia aos pedidos do meu corpo quando vinha o medo de me arrebentar por dentro, talvez pensasse que prendendo tudo que estava pedindo para sair poderia impedir que junto com os outros dejetos saíssem também as minhas lembranças. Banho, nem pensar; lavava-me com lágrimas. Comer? Não precisava. Estava me alimentando de recordações.

Raquel, César e minha tia continuavam insistindo que eu fosse morar em Macaé. E mesmo me sentindo uma ameba, eu precisava decidir se queria proteção ou se ainda queria lutar para chegar àquele bendito décimo andar.

Minha prima bem que tentou me ajudar, “Mesmo que você chegasse ao hospital um minuto depois do acidente não poderia salvar seus pais”. Mas aquela culpa amargou os meus dias durante muitos anos.

Enfim, a vida continua... *Muda de canal, Esther, pensa no bonitão que você conheceu ontem à noite...* Já era quase meio-dia quando consegui tomar meu café da manhã.

Era bem possível que eu e o monumento já tivéssemos nos encontrado pelos longos corredores do prédio. Eu parava pouco em casa, andava sempre apressada no meu circuito casa-trabalho-faculdade-casa... Vivia enfurnada em livros e no trabalho, não conhecia vizinho nenhum. Aliás, pensando bem, teve o lance daquela mulher do 209 a quem um dia tive que socorrer porque entalara na porta de entrada, não saía de nenhum, de modo que tive que ajudar o porteiro a retirá-la para que não fosse preciso chamar o bombeiros. O porteiro...

Claro! Perguntaria ao Seu José sobre o figura. Ele me era agradecido pela ajuda com a mulher do 209, e me fazia reverências porque eu era sua fornecedora de revistas seminovas, as repassava ainda na semana em que eram publicadas.

Eu tinha passado parte da noite lembrando aquelas gloriosas mãos fortes e magras... mãos de pianista, como diria tia Leda. Mas, fosse pianista ou carpinteiro, não faria a menor diferença para mim. Eu seria o instrumento de som mais melodioso do mundo se aquelas mãos um dia me tocassem.

Na segunda-feira, no escritório, contei a história a Hanna. No escritório eu só abria detalhes da minha vida para Hanna e Fábio, que chefiava a seção de novos projetos. Por via das dúvidas, achei melhor manter distância do gerente. *Nada nem ninguém vai prejudicar meu plano de fazer carreira na empresa, isso eu juro pra mim mesma*, pensei, cruzando os dedinhos.

Hanna era analista de projetos como eu, e minha confiante. Eu e ela tínhamos até uma espécie de código para falar mal do chefe: “Dr. Diabolo está de tridente na mão. Seus chifres devem estar ardendo hoje”. Nossa criatividade parecia infinita para os nomes que criávamos. “Dr. Diabolo” era o apelido da vez, mas o chefe já começava a nos olhar desconfiado. Eu logo teria que me desviar, ou o tridente me espetaria.

— Eu nem sei se o bonitão é casado, Hanna. Convidei— o para um café, mas a minha vontade foi dar uns amassos nele. Por que não fiz isso? Depois me arrependi de não ter esticado o assunto, poderia ter ficado mais um tempinho lá na garagem...

— Mas esticar como, se você disse que ele nem se abalou — ela perguntou, e depois ela mesma respondeu: — Você é bobinha mesmo, aí é que vem o truque... Poderia ter dito que não fez as revisões no carro... melhor, devia ter feito cara de inocente e perguntado... “Revisão? O que é isso?”

Mais bobagens ela diria, se eu não a tivesse interrompido.

— Pois é... bem que eu poderia ter dito “Não tenho quem leve o carro na oficina, sou tão sozinha...” Eu devia ter apelado mesmo.

Hanna, com ares de pitonisa, entre uma garfada e outra concluiu:

— Pois se fosse eu ia logo perguntando, convidando, querendo saber... Melhor, dava logo meu 0800 pra ele.

— “Dava o 0800”?

Hanna, mesmo sentada, o que ainda tornou mais cômica a situação, botou as mãos nas cadeiras e disse, rindo:

— Ora, bonitinha... Eu dava pra ele, e de graça, sem cobrar responsabilidade alguma. Homem bonitão, minha filha, é artigo de luxo!

Hanna era uma escola para mim, sabia tudo no terreno da sedução. E minha experiência era um zero à esquerda. O mais incrível é que depois de dar uma dessas ela fazia um ar de não-sei-o-que-estou-dizendo, mas eu sabia quando ela estava falando sério. E eu mesma estava falando sério quando afirmei:

— Vou correr atrás do prejuízo.

Estava decidida, e, quando eu me decidia não existia a hipótese de pedir arrego, mesmo naqueles tempos sombrios. Enquanto almoçava com Hanna, já planejava como iria atrair Seu José para uma aliança.

O ano letivo acabou, terminei o curso na faculdade. O bonitão se evaporou. No escritório, meus colegas tentavam me tirar daquela espécie de letargia, eu me sentia como se estivesse lobotomizada, ou talvez hibernando. Raquel e tia Leda tanto insistiram que acabaram me convencendo a procurar um psiquiatra.

— Vou ficar aqui essa semana, você marca o médico, eu vou com você, e no fim de semana Raquel vem me pegar .

— Juro que vou ao médico, gente. Não precisa ninguém me levar pela mão, puxa!

Adiantou reclamar? Minha tia ficou, e no fundo do meu coração confessei a mim mesma que era bom poder chegar do trabalho e não encontrar a casa vazia. No dia seguinte estávamos as duas no consultório.

— Você está apresentando um quadro de depressão típico de quem sofre perdas como a que sofreu.

— Mas ela não está melhorando, doutor — tia Leda insistira em entrar na sala comigo. — Com o tempo, parece que está ficando mais triste.

— Bom, sete meses se passaram e você não melhorou, vou te receitar um antidepressivo — e no final da consulta recomendou: — Não fuja dos seus sentimentos; viva a sua perda.

Em outras palavras... *Sofra, sofra, infeliz!*

Fiquei olhando aqueles dois e ouvindo sua conversa fiada. Haveria alguma coisa ou alguém que pudesse diminuir a dor que a morte de Stella e João me causara? Eu duvidava. Eu é que teria que fazer alguma coisa por mim mesma.

Sáimos do consultório, comprei os remédios receitados. E decidi que olharia o sofrimento de frente para que pudesse me livrar dele. Além disso, havia uma centelha de luz no final daquele túnel, porque tinha dado de cara com o meu herói na entrada do prédio.

Hanna e Fábio inventavam trocentas piadas para me animar, mas eu sentia que minha energia estava a zero. Um dia, durante o almoço, lhes pedi que me deixassem em paz.

— Quero viver essa rotina assim mesmo, acordar, comer, trabalhar, comer, dormir, acordar... — e era verdade, eu precisava ficar comigo mesma até conseguir juntar meus caquinhos, espalhados no meu passado. Entretanto, como eu compreendia a preocupação deles e até agradecia, acrescentei: — Não se preocupem, eu peço ajuda, se precisar.

Queriam que eu fosse à festa da minha formatura, mas não havia possibilidade de festa para mim.

— Não quero festa nenhuma — eu disse, com uma firmeza na voz que até eu fiquei convencida de que falava a verdade.

Sem festa, sem choro nem vela, coleei grau na sala do reitor, sozinhos eu e ele. Não sei como consegui conter as lágrimas que sacudiram meu corpo assim que pus os pés em casa, naquele dia que para Stella e João teria sido glorioso.

Naquela semana interfonei várias vezes para o 601, mas ninguém atendeu. Na quinta-feira saí do escritório e fui ao su-

permercado comprar umas frutas, biscoitos e queijo, porque esperava que meus primos viessem para o fim de semana. Só que Raquel me ligou na manhã de sexta avisando que não poderiam vir no sábado.

— Nem no domingo?

— Não, queridinha, venha você pra cá e no próximo nós vamos, tá?

E eu queria ficar sozinha naquele fim de semana? De jeito nenhum... Voltei a interfonar para o 601. Tentei me informar com o porteiro.

— Não tem aparecido por aqui, Esther. Deve estar viajando.

Na tarde de sexta decidi viajar para Macaé. Saí um pouco mais cedo do escritório. Preparei o carro, parando num posto, calibrando pneus, enchendo o tanque, olhando o nível de óleo... Em casa, tomei o antidepressivo e planejei o itinerário. Enfim, me preveni para que nenhum imprevisto acontecesse.

Era a primeira vez depois do acidente de meus pais que eu pegava estrada sozinha. Cada carro que passava era uma ameaça, eu estremecia em cada curva. Tentei me concentrar na direção, mas estava morrendo de medo de que me acontecesse o mesmo que a eles.

O celular tocou no banco do carona, olhei para o lado e vi que era Fábio, meu “fiel escudeiro do escritório”, como ele mesmo se intitulava. Não atendi, estava assustada demais para desviar minhas mãos do volante, e Fábio já estava me incomodando com sua insistência. Para me acalmar, desviei o pensamento... *O Fábio é um chato, o Diabo é um demônio mesmo, mas gosto de trabalhar lá, a melhor coisa que eu fiz foi ter mudado de emprego.*

Ainda recordo o meu primeiro dia de trabalho na escola, quase desisti ao ver aquelas crianças barulhentas e encatarradas. Dois meses depois, já pensava em cair fora, mas a fala de João sempre pipocava nos meus ouvidos: “Olha que você é concursada... E quem é professora estadual por concurso nunca tem um chefe para lhe dizer “Não volte amanhã, esse emprego lhe garante uma boa aposentadoria”.

Eu ficava tensa, mas meu sonho era ir adiante, progredir na vida, embora compreendesse a preocupação de meus pais. E enquanto minha razão me dizia “É melhor continuar limpando narizes remelentos e pagar suas contas”, meu coração me lembrava que minha mãe tinha virado estatística de desempregados quando foi demitida do seu emprego que tinha o pomposo nome de “Técnica em Documentação” e nunca, nunca mais encontrou outro no mesmo padrão. Teve que se contentar com um cargo de assistente na biblioteca de uma ONG, recebendo um salário ridículo. Direcionava todo o seu saber e talento para a incrível tarefa de arrumar livros numa estante e espanar o pó das prateleiras. Se eu fosse Stella, teria abandonado o trabalho para cuidar da casa e das flores? Jamais! Mesmo que na frente da minha casa estivesse o próprio Jardim do Éden.

Eu não aguentava mais aquela escola. Na hora do recreio, então... ficava olhando meus alunos e tinha vontade de sair correndo. Eram a criança que eu fora um dia, e essa lembrança eu não gostava de ter.

Num domingo de sol quente, minha cabeça fervendo de sonhos, participei a Stella e a João:

— Vou fazer vestibular — quer saber? Tinha que lutar pelo meu futuro.

— Claro que você não pararia nisso — minha mãe comemorou, com os olhos brilhando de entusiasmo.

— E não vai parar... Depois desse curso virá outro, e outro, e mais outro. Ela acha que pode tudo — meu pai resmungou.

Pensando bem, a crítica não era indevida. Naquele tempo eu simplesmente achava mesmo que podia tudo.

— Minha filha, você é poderosa, siga em frente. Não foi à toa que eu misturei colheradas de autoestima no seu mingau quando você era criança... — Stella liberou sua gargalhada, que inundou a sala como uma cachoeira de riso.

Eu tinha certeza da minha decisão. Não que a escola fosse das piores... é bem verdade que ficava na periferia, a pintura das paredes já descascando como as do orfanato. E além da

lembrança ruim que aquelas crianças encatarradas me traziam, sentia o desrespeito ao trabalho. Eu fazia tantos planos, ... lindos, mas no papel. Só no papel.

— Stella, eu não quero só ensinar. Quero mais que isso, quero fazer diferença... — aos treze anos tinha lido essa frase num livro e desde então ela morava no meu pensamento. Ainda não tinha certeza de que diferença seria aquela, mas, aos dezoito anos, com tantos sonhos pulando na minha cabeça, tudo o que eu queria era conquistar o mundo.

Já estava quase chegando a Macaé. Faltavam uns vinte quilômetros quando a porcaria do celular tocou pela terceira vez. Nem pensei em atender, mas dessa vez, não sei por que cargas d'água, o toque me distraiu. *Ai, meu Deus...* não percebi que exatamente naquele ponto a pista se estreitava... um caminhão se aproximava, vindo na direção oposta. Não vai dar, não vai dar, vou bater de frente.

Mas meu raciocínio funcionou, e meus reflexos também. Consegui desviar para o acostamento e apertei o freio, meu carro deu uma derrapada e parou. Então vi o caminhão ocupar a pista, de frente para mim, e ouvi aquele motor enorme rugir como fera planeando o ataque. Aí meu raciocínio embotou completamente, meus reflexos não deram mais sinal de vida e não consegui mais me mexer, fechei os olhos e me senti cara a cara com a morte. O motorista do caminhão, no entanto, desviou numa rápida manobra, ouvi um grrrrrrrammm... abri os olhos e vi a fera seguir seu caminho, não antes de o motorista gritar um “Filha da puta!” para mim.

Tudo aconteceu numa fração de segundos, e acho que o celular ficou tocando durante todo aquele tempo de pavor. Mas eu tinha resolvido que não atenderia.

Ainda sem dar conta de mim, encostei a cabeça ao volante e abri um choro que me tirou o fôlego, porque fiquei pensando em como Stella e João tinham sofrido no momento do acidente. Carros e caminhões passavam a grande velocidade, eu não estava conseguindo tirar o carro do acostamento, até que ouvi uma batida no vidro. Não abri a

janela... Um homem olhava para dentro do carro, pedindo com gestos que eu abaixasse o vidro. Como eu faria isso? Estava paralisada pelo medo...

Seu grito me tirou da imobilidade.

— Quer ajuda, moça?

Sua voz era rouca, e o homem gordo, alto, com os cabelos em trancinhas, estacionara sua moto à frente do meu carro.

— Não, muito obrigada, obrigada.

— Tem certeza?

De repente o medo se evaporou, e me senti fortalecida.

Ele repetiu a pergunta, eu novamente agradei, ele subiu na moto e foi embora, deixando como lembrança um futum dos diabos, que foi o que me despertou de vez.

Não sei quanto tempo fiquei ali. Tentei dar partida no carro, mas percebi que a minha valentia não era tão grande assim, porque continuava sem condições de dirigir, minhas mãos pareciam de gelatina. Liguei para a minha prima.

Não sei bem o que eu disse, mas ela, sem uma pergunta ou recriminação, foi logo avisando:

— Estou indo.

Naquele momento eu tinha a impressão de que não existia um pingo de oxigênio dentro do carro, e não vi outra coisa a fazer a não ser sair e me encostar a um muro próximo, de onde podia ouvir o celular tocando.

Para mim, meus primos demoraram uma eternidade. Na realidade, chegaram em meia hora. O abraço de Raquel me acalmou e me confortou, porque no tempo que passei ali esperando a sensação de ser feita de gelatina tinha se espalhado pelo corpo inteiro. Enfim retomamos a estrada, ela dirigindo o meu carro e seu marido, César, o carro deles.

Mais um toque do meu celular e Raquel me chamou atenção:

— Seu celular está tocando.

— É o Fábio; não vou atender.

— Mas o Fábio é tão seu amigo...

— Isso. Meu amigo, mas outro dia veio com uma con-

versa que eu tinha que refazer minha vida, tinha que namorar outra vez...

— Puxa... você só está encrencando com ele. Isso é fala de amigo, Esther.

— Olha, Raquel. Estou deprê, mas tola eu não sou. Mal chego em casa e ele começa a ligar.

— Ué... Quem sabe...

— Não, Raquel, não. Você acha que estou em condições de começar um namoro agora? E depois, tenho certeza de que o quero como amigo. Só isso.

Chegamos tarde da noite. Eu iria dormir na casa dela, tia Leda nem sabia que eu estava em Macaé.

Bom... dizer que dormi seria mentira; rolei na cama a noite inteira. Além de continuar pensando no acidente dos meus pais, tinha agora essa coisa do Fábio. Eu não queria que aquele destrambelhado pensasse que haveria outra coisa entre nós que não fosse apenas amizade. Era isso o que eu queria dele. Além do mais, o deus grego não me saía da cabeça.

No dia seguinte, me levantei antes da minha prima. A angústia me agitava, não tinha como ficar ali, olhando o nada da varanda da sala. Precisava mover meus músculos, acordar a usina de força que eu sabia que tinha dentro de mim. Não sabia se iria para a casa dos meus tios, que àquela hora da manhã já deviam estar acordados. Deixei um bilhete na mesa da sala e resolvi ir até o orfanato.

No caminho, pensava no meu passado. Pareceu-me estranho nunca ter feito aquele caminho a pé. Morando e estudando no orfanato, só saía para as festividades da cidade, poucas, em ônibus cedido pela Prefeitura. Além disso, uma ou duas idas ao Posto de Saúde e era tudo. Depois que saí de lá, só voltei de carro, com meus pais ou meus tios... Comecei a suar e a tremer novamente, até perceber que tinha que resistir ao tipo de pensamento “de-volta-para-o-passado”, e ver a vantagem de descobrir novos caminhos... Dali por diante fui observando os flamboyants coloridos, os arbustos fechados que serviam de muro, com sua cor de um tom meio dourado, efeito dos raios do sol.

A casa de Raquel ficava distante uns vinte minutos do bairro onde fica o orfanato... mas isso, quando ia de carro. Eu estava fraca, cansada, não vinha me alimentando direito, a tristeza estava sugando toda a minha energia. Já temia não chegar ao fim da caminhada, e quinze minutos depois vi que tinha me superestimado. Subi no primeiro ônibus que passou e pedi ao motorista para me avisar quando chegasse à Estrada das Almas, onde ficava o orfanato. Num certo ponto o motorista avisou, “É aqui, moça”. Desci bem em frente ao prédio imponente, apesar de mal conservado, em que mal vivera até João e Stella me levarem para a vida.

Encostada no portão de grades de ferro, vi ao longe Madre Joana sentada no jardim com as crianças menores, umas doze meninas ao seu redor. Devia estar contando histórias bíblicas, como fazia no meu tempo.

Como foi difícil abrir o portão, corroído pela ferrugem em alguns pontos... Quando venci a luta, ele se lamentou e *crreek*, abriu-se todo, sem resistir. O ruído chamou a atenção da madre, que ficou me olhando sem me reconhecer, enquanto as crianças se agitavam, excitadas, dizendo alguma coisa, fazendo um grande burburinho. A madre devia ter ordenado silêncio, porque subitamente o burburinho cessou, eu só ouvia o piado do bem-te-vi... *Viu o que, seu idiota? Viu que sou um poço de tristeza? Viu que um dia saí daqui pensando que o mundo era um paraíso? Pois me veja agora!*

Notando que a madre se levantava da pedra em que estava sentada, interrompi meus pensamentos, e o canto do pássaro ficou distante. Ela veio na minha direção, me reconheceu, me estendeu as mãos e me lançou um sorriso, que eu não sabia ao certo se era de solidariedade ou de compaixão. Um dia, esse mesmo sorriso escondera intenções de castigo.

Madre Joana virou-se para o grupo e ordenou que uma das meninas levasse as outras para dentro. Fiquei esperando o que viria depois, pois até aquele ponto conhecia o filme. Ou achava que conhecia.

— Minha filha, você está muito abatida, imagino como está sofrendo.

Me levou para a capela. Entramos. A madre continuou andando, mas meu olhar parou exatamente na imagem da santa que Stella guardava em seu quarto, parecendo atraído por um imã. A santa me olhava com um olhar comovente, bondoso, e não aguentei, abriram-se as comportas da minha dor. Nunca pensei que um dia eu fosse capaz de chorar daquele jeito, só que não era um choro que me deixasse mais triste do que eu já estava. Parecia, de certa maneira, que estava limpando a minha dor.

Ficamos, eu e a freira, sentadas em silêncio dentro da capela por um tempo, até que Madre Joana pediu:

— Reze, minha filha, vai te fazer bem.

— Rezar pra quem? Para esse Deus e esses santos que não preservaram o que eu tive de mais precioso na vida? — não sei o que deu em mim, mas respondi encarando a madre.

Ela escancarou os olhos de espanto, franzindo a testa diante do absurdo que eu, que crescera ali, entre pais-nossos e ave-marias, tivera a audácia de proclamar.

Sem dizer uma palavra se ajoelhou e começou a rezar.

Eu? Apenas contemplava aquelas imagens, bonitas, mas para mim apenas belas esculturas, pois nenhuma delas seria capaz de trazer meus pais de volta, embora a madre fizesse de tudo para me consolar, dizendo que eu teria muito alívio se voltasse a rezar. Quem sabe tentaria um dia?

Não tinha certeza, mas ao parar no ponto de ônibus para voltar à casa de Raquel, tinha tomado a minha decisão. Minha vida voltaria a ser *vida*, deixando para trás aquele marasmo em que eu vinha patinando. E o monumento grego seria um bom começo para dar novo rumo à minha história.

Não derramei mais uma lágrima o fim de semana inteiro. Sob os protestos de meus tios e primos, “Deixa o carro aqui, a gente manda alguém levar”, “Espera que o motorista da firma do César te leva”, e com a promessa de ligar assim que pusesse os pés em casa, resolvi voltar para o Rio dirigindo. Minha decisão de sair do abismo estava de pé.

No caminho, pensei em mil coisas, menos na minha tristeza, mais na minha revolta. Sem estar convencida de que esta-

ria fazendo a coisa certa, imaginava um jeito de conversar com o Fábio... Talvez eu não devesse me incomodar tanto com sua insistência... Ao mesmo tempo em que pensava assim, analisava como era complicado entendê-lo, nunca sabia se ele estava brincando ou falando sério. E se Raquel tivesse razão e eu estivesse imaginando coisas? Nesse caso, estaria bancando a ridícula. Mas e se ele estivesse realmente com alguma outra intenção?

Pensei muito, até que disse à minha ansiedade: *Sabe de uma coisa? Amanhã vou direto ao ponto.*

Na segunda-feira, geralmente um dia de muito trabalho e normalmente início das viagens, corri para o quadro de avisos para ver se Fábio estaria no Rio. Estava. Fui para sua sala e já entrei falando.

— Você sabe que eu te a-do-ro, mas quero ter certeza de que você não está se iludindo, pensando em outra coisa que não seja amizade.

Nesse momento tive certeza de que não estava enganada, porque ele ficou sério, e foi uma das poucas vezes que eu o vi assim. Por um instante ele me olhou com um ar de “não estou entendendo”, depois voltou o olhar para os papéis que tinha nas mãos, talvez para ganhar tempo e bolar outra gracinha... Em poucos segundos voltou a ser o Fábio de sempre, e, abrindo os braços, exclamou:

— Pode, ao menos, aceitar o meu amor? — a seguir fez uma cara tão apalçada que não me restou o que fazer a não ser sorrir. Mas ele sabia que eu não estava brincando, porque completou a resposta: — Quando a depressão passar, você vai mudar de ideia.

O que ele não sabia era que, naquele momento da minha vida, meu único projeto era fazer alguma coisa por mim mesma, além de ficar me entupindo de remédios. Não sabia como, mas queria voltar a ostentar aquele ar divertido e jovial. Afinal, aos vinte e poucos anos, não podia ficar vivendo de passado.